

Brasília na curva dos 38 anos

FALTAM À CIDADE PROJETOS DE CULTURA PERMANENTES E GRANDES EVENTOS CAPAZES DE CONTEMPLAR O ESPETÁCULO E A REFLEXÃO

Tem paulista roxo e carioca esperto que ficam intoxicados com a pureza do ar de Brasília. O que a gente pode fazer? A mídia nacional ainda insiste em vender a imagem de Brasília como ilha da fantasia. Mas esse clichê não resiste à menor prova de realidade. Na época em que uma turma de playboys da classe média alta brasiliense ateou fogo em um índio no ponto de ônibus, a mídia nacional caiu de pau. Entretanto, algumas horas depois, a própria imprensa se encarregou de revelar uma série de atos de barbárie com fogo cometidos contra mendigos nas ruas de São Paulo. Isso não redime absolutamente Brasília, mas mostra que a cidade sofre dos mesmos problemas de qualquer outra grande cidade brasileira. Na passagem dos seus 38 anos de existência, Brasília é apenas uma cidade brasileira, com toda a carga dramática de realidade das cidades brasileiras. Que maravilha seria se Brasília fosse mesmo essa ilha da fantasia pintada pela mídia nacional.

Recentemente, a revista *Veja* realizou uma reportagem sobre a tendência a se fugir do sufoco das megalópolis rumo às cidades de porte médio, em busca de qualidade de vida. Brasília, ou melhor, o Plano Piloto não entrou na lista, mas ainda é uma das cidades com maior qualidade de vida no País. Brecar a violência é o grande desafio. É preciso investir seriamente em educação com qualidade e em oferta de empregos.

Do ponto de vista cultural, embora Brasília ainda não tenha o volume dos grandes centros, a produção da cidade sempre se destacou por um certo toque de originalidade, contundência, radicalidade. Brasília é uma cidade bastante contraditória. Ela tem realmente um lado da pompa do poder, um lado chapa branca. Mas a contrapartida é uma história subterrânea de contestação, radicalidade, originalidade, consciência coletiva, tanto no plano social quanto no plano cultural. Brasília puxou o bloco de alguns dos movimentos mais importantes de afirmação da cidadania no Brasil: o movimento pelas Diretas-Já, o impeachment de Fernando Collor. Brasília tem a capacidade de surpreender a si mesma.

De Glauber Rocha a Chico Science, Brasília sempre foi extremamente receptiva à arte inovadora, iconoclasta, de ponta. Nos anos 60, a partir de um núcleo formado na UnB, surgiu em Brasília a vertente mais radical da arte conceitual brasileira, com Guilherme Vaz e Cildo Meirelles, entre outros. Cildo Meirelles é, hoje, talvez, o artista brasileiro de maior projeção no circuito mundial da arte contemporânea.

Na virada dos anos 80, sob o



comando da *Legião Urbana*, o rock brasiliense injetou dramaticidade e consciência social no rock brasileiro, dominado na época por abobrinhas de beira de praia. Era revolta juvenil em versos gritados para rachar o concreto. Nem sempre o recado era direto. Mas a poesia de Renato Russo revelava a subjetividade em guerra, acuada entre apartamentos acesos: "E você passa de noite/E sempre vê, apartamentos acesos/Tudo parece ser tão real/Mas você viu esse filme também/Andando nas ruas/Pensei que podia ouvir/Alguém me chamando/gritando meu nome". *Perdidos no Espaço* é uma canção que tem todo um clima de cidade extraterrestre, cidade suspensa no ar, projetada pela arquitetura futurível de Niemeyer inscrustrada no cerrado bravo.

As pedras continuaram rolando e, em uma geração seguinte, os *Raimundos* misturaram, intuitivamente, *hard-core* e forró, colocando no ar uma nova mixagem brasiliense. É uma mistura típica de Brasília, uma cidade de forte carga nordestina, cidade brava, com um cangaceiro nos genes de cada habitante. Brasília é uma ci-

dade miscigenada, que mistura o arcaico e o moderno, o imemorial e o futurível.

No campo do rap, o *Câmbio Negro*, da Ceilândia, mostra a garra da periferia a partir do início dos anos 90. O *Câmbio Negro* se distingue no panorama nacional por ser uma banda de rap, que mistura letras cortantes com uma música de suíngue negro. É a primeira vez que a periferia de Brasília fala alto na poesia das letras: "Mais de 500 mil/E pra eles somos lixo/lutando pra sobreviver/e tratados como bichos", diz a letra *Revanche do Gueto*, do *Câmbio Negro*. No ano passado, Hugo Rodas e os irmãos Guimarães ganharam o Prêmio Sharp com a montagem de *Dorotéia*, de Nelson Rodrigues.

O que está faltando a Brasília é uma onda de grandes eventos para sustentar o fôlego cultural. É preciso reconhecer que a Secretaria de Cultura do DF tem realizado um esforço no sentido de recuperar os espaços culturais da cidade. Entretanto, Brasília tem sobrevivido quase que exclusivamente de dois projetos culturais de envergadura: o Festival de Cinema de Brasília e o projeto *Temporadas Populares*. Enquanto isso, Curitiba e Belo Horizonte estão realizando grandes eventos de artes cênicas. Durante duas semanas o evento de Curitiba mobiliza todos os teatros da cidade. E Belo Horizonte promove de 25 de maio a 8 de junho o Encontro Mundial de Artes Cênicas, que vai reunir desde os brasileiros Antônio Nóbrega e Zé Celso, até os estrangeiros Eugênio Barba, François Lecoq e Roberto Bacci. Os eventos combinam espetáculo e reflexão. Brasília está perdendo o bonde da cultura.

Brasília hoje é uma cidade muda, onde não se reflete sobre nada. No Rio, o Centro Cultural Banco do Brasil, e, em São Paulo, o Instituto Itaú, vem desenvolvendo projetos de alto nível, com receptividade da parte do público. Em Brasília, o Espaço Cultural da 508 Sul poderia desempenhar esta função de ser um centro de referência cultural. Mas, por enquanto, é subutilizado.

Falta à cultura em Brasília continuidade, projetos de cultura permanentes, grandes eventos, capazes de mobilizar toda a cidade nos moldes das *Temporadas Populares*. Brasília nasceu sob o signo da cultura. Ela foi concebida por Oscar Niemeyer como uma obra de arte para ser habitada. Mas é preciso investir mais na cultura de Brasília. Por que Minas Gerais pode realizar um evento internacional na área do teatro e Brasília, que é a capital do País, não pode?